

<b>Entrevistado</b> <b>Depoimento: Ronaldo Fraga</b>	<b>Cidade</b>	<b>Estado</b> <b>Minas?</b>	<b>ÁUDIO: XX</b>
<b>EP ( ) São Paulo ( ) SLP( )</b>	<b>Direção</b>		<b>Time Code</b> <b>( )Sim (X)Não</b>
<b>Responsável Transcrição</b> <b>Bety Jardimovsky</b>	<b>Data de Transcrição</b> <b>06 de junho de 2016</b>		<b>DAT</b> <b>( )Sim (X)Não</b>

**Arquivo: RONALDO\_CORTEES\_OFFLINE**

### **Dueto musical Fernanda Takai/Ronaldo Fraga**

Se soubesses o que faço para vir te ver.  
 Se soubesses o que fiz só pra poder te ver.  
 Não te zangarias nunca, nem duvidarias do meu amor.  
 Se soubesses o que faço para vir te ver.

**Adélia:** Ronaldo.... que alegria estar aqui

**Ronaldo:** Feliz demais de receber você...

**Adélia:** Estar no seu espaço, cheio das suas referências todas.

**Ronaldo:** Aqui ... tomar cuidado, você cai num buraco ninguém te acha mais risos

**Adélia:** Ronaldo Fraga traduz o que é ser mineiro, ser brasileiro e ser cidadão do mundo nas suas criações. Ele processa múltiplas influências de um jeito muito particular. Traduz isso de volta com o seu trabalho com uma reflexão muito interessante sobre o mundo contemporâneo

**Ronaldo:** Se tem uma coisa que me emociona, e me pega e realmente faz os meus olhos brilharem é a história do ofício como escrita, como escrita pessoal, o ofício como conexão de leitura com o tempo e eu acho que, de uma certa forma, foi por esse caminho que eu entrei para a moda mas que, eu tenho certeza, que se eu fizesse qualquer outra coisa, eu faria da mesma forma.

### **Referência – animação com fotos Turista Aprendiz DB\_Fraga\_VFX001**

**1'50**

**Ronaldo:** O melhor que a moda me traz é me levar por lugares e conhecer pessoas que pelas vias normais eu não iria. (eu digo) Meu grande mentor intelectual é Mário de Andrade. Uma das coleções do meu sonho é pegar o livro “O Turista Aprendiz” e ir visitar o país e ver o Brasil que não mudou e não vai mudar nunca, da época da escrita do Mário até hoje, e o Brasil que já são outros Brasis. Como turista aprendiz, você tem liberdade de erro de leitura, porque é o seu olhar sobre aquilo, você não tem a verdade absoluta, você passou por aquele lugar e você tentou aprender alguma coisa.

Foi assim que eu caí na Amazônia, foi assim que eu fui pro agreste, foi assim que eu fui pros pampas, pra trazer coisas, criar conexões e trazer, jogar isso pra passarela.

2'50” - Poema Manoel de Barros

“E, aquele  
 Que não morou nunca em seus próprios abismos  
 Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas  
 Não foi marcado.  
 Não será exposto  
 Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.”

...Esse Manoel de Barros...

3'10”

Esses versos da literatura, eles entram na minha vida pra não sair nunca mais. Quando eu fiz a primeira coleção com Carlos Drummond de Andrade aquilo ali provocou uma coisa que as pessoas falavam assim, gente, o que o Drummond tem a ver com moda, é uma figura que usou no máximo cinco cores a vida inteira. Eu falava assim, gente, a matéria fina da obra dele era o tempo, e a matéria fina da moda, também, de um registro de moda, é o

tempo também. Ali ele tá falando do imponderável da vida, do peso da existência, e isso refletido com o envelhecer da própria roupa.

Volta e meia eu volto à obra do Guimarães Rosa. Numa época que as pessoas estavam naquela euforia da globalização ainda, que graças a D'us essa euforia passou e tá aí, o nosso tempo mostrando que o novo luxo é o genuíno, aquilo que só tem um determinado lugar com um olhar especial, e isso é o Guimarães Rosa.

4'9"

A música é o produto mais bem resolvido que o Brasil tem. Com a música a gente desenha, com a música a gente pinta, com a música a gente modela e com a música a gente também costura.

4'23 – NOEL ROSA - O CRONISTA DO BRASIL

E eu adoro investigar esses mestres que forjaram o Brasil moderno, quando eu penso e entro no universo de Noel Rosa, falo: gente, e antes dele, era outra história, não existia essa história da crônica e da poesia na música.

Portinari é nosso imperador do Brasil profundo. Ele é quem traz para as artes os retirantes do Nordeste, que chegavam esfomeados no interior de São Paulo para trabalhar na cana de açúcar e no café. O Brasil profundo retratado, seja na obra do Graciliano Ramos, Drummond, Guimarães Rosa, Portinari, é isso que me interessa, é isso que me move! É isso que faz com que a coisa me mexa, me tire do lugar!

5'23" - ANIMAÇÃO COM CROQUIS DE RONALDO

**Jackson Araújo** - O Ronaldo Fraga, ele é o principal contador de história da moda Brasil. Ronaldo tem uma habilidade de envolver as pessoas emocionalmente, compartilhando esse entendimento e essa pesquisa intensa que ele faz de Brasil em todas esses ramos e regiões e locais, que transforma o trabalho dele de estilista em um patamar mais interessante que apenas roupas.

**Gloria Kalil** - O Ronaldo é um caso atípico. Ele é um estilista que tem um estilo próprio, ou seja, ele não segue a moda. Ele faz uma roupa como ele acha que as mulheres deveriam ter acesso, vamos dizer assim. Ele propõe o acesso a um tipo de roupa que é uma invenção dele.

**Claudia Cavalcante** - Pelo menos aqui em casa todo mundo usa. Eu tenho duas filhas, uma delas se identifica mais com as roupas de Ronaldo, então ela usa, ela tem 15 anos, ela usa, esse vestido mesmo ela usa, e esse mesmo vestido a minha mãe já usou também, então, ele também trafega pelas diversas faixas etárias e isso eu gosto também.

PINA BAUSCH - 6,48"

**Ronaldo:** Eu não acredito em artista que não traga, ali, a (lente da) sua referência intelectual e é ela que me permite olhar a Pina Bausch e fazer a minha leitura da Pina. Adoro a frase dela quando ela dizia que não interessava o movimento das pessoas, mas o que movimentava as pessoas, né ... então eu acho que isso você leva facilmente para as artes, você leva pro design, você leva pra tudo.

**Adélia:** As coleções do Ronaldo Fraga são eventos que vão muito além do desfile em si. Eles são manifestos políticos, manifestos sobre estar no mundo hoje.

**Ronaldo:** O ato da escolha da roupa já é um ato político. A roupa que eu escolho para encontrar com você e você escolhe pra encontrar comigo, você já está fazendo política. Política visual, mas ainda assim é política.

7'43" AI 5 – Zuzu Angel

Eu começaria exatamente por uma decretação de estado de sítio para prevenir todas aquelas perturbações ... para prevenir todas aquelas perturbações... e então o país continuasse sendo vítima dessas tentativas de subversão que estão na rua...

**Ronaldo:** Zuzu Angel, quando eu descobri eu era adolescente, (fiz) a ditadura militar, só lia literatura política e foi em um livro do Zuenir Ventura que tinha um capítulo falando da estilista, da costureira que era como ela gostava de ser chamada Zuzu Angel. Essa mulher conseguiu com a moda o que muitos intelectuais não fizeram, não conseguiram com a escrita, não conseguiram com o teatro nem com o cinema. Isso é impressionante, quer dizer, ela consegue provocar aquilo com muita poesia e acaba custando-lhe a própria vida. Ela foi a primeira estilista a falar em legitimidade na moda brasileira, de uma moda que pudesse ter um diálogo estreito com a cultura vigorosa, que é a cultura mestiça desse país.

**TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – ÍNDIO BRUNO DA COSTA} 2**

**Adélia:** Ronaldo tem um discurso muito potente, muito em alto e bom som, mas nada disso apaga essa qualidade da produção dele como um designer de roupa. A junção muito interessante entre um corte a laser e um bordado feito à mão, esse desenho muito vital dele que se sobrepõe em vários tipos de aplicações, sobre os tecidos.

9'31" RISCA DE GIZ

**Ronaldo:** O Risca de Giz, ele, o ponto de partida foi o espetáculo Giz, de Álvaro Apocalypse. Me deu muita felicidade fazer porque resolveu algumas angústias minhas, uma delas que é pecado envelhecer. Você faz 60, 65 anos, você se torna invisível aos olhos da sociedade.

**Adélia:** Deixou todo mundo numa carga emotiva muito grande, as pessoas todas chorando, aos prantos, e eu fui uma dessas pessoas que se debulhou totalmente de ver esse manifesto tão bonito pela dignidade de todas as idades.

**Ronaldo:** bom, eu nasci em Belo Horizonte, família de cinco filhos, meu sonho era que um dia alguém me pagasse um curso de desenho. Como era uma pobreza absoluta, eu procurava, depois quando era adolescente, cursos de desenho contanto que fossem gratuitos no jornal. E foi assim que eu fiz curso de letrista para faixa de rua, curso para aprender a desenhar rosca de parafuso. Daí um dia eu encontro com uma vizinha no ponto de ônibus e ela estava indo para um curso de desenho de moda, curso de figurinista no Senac. Quando ela abriu o caderno e que eu vi, eu achei aqueles desenhos lindos, eu nunca tinha visto um desenho de roupa, uma figura humana ali vestindo. Eu achei aquilo tão bonito, que ela falou assim, é gratuito. Eu falei, "Pronto, eu vou fazer esse curso!"

Depois, o setor de colocação profissional do Senac me liga, me oferecendo um emprego numa loja de tecidos. Eu tinha 16 anos. Gente, eu vou passar o dia inteiro desenhando e ainda vão me pagar por isso!! Olha que maravilha. Só que foi um pesadelo, porque eu só sabia desenhar, eu não tinha conhecimento de costura, de moda, de nada disso. Quando abriu a loja, a porta da loja, num piscar de olhos tinha umas 30 mulheres na minha frente e eu fiquei em pânico, mas foi a minha grande escola. Porque ali eu ouvia a história particular para, entre uma fala e outra, descobrir a roupa que elas queriam. Foi ali que eu descobri que por trás da escolha da roupa existe uma conquista amorosa, uma conquista amorosa com o outro, uma conquista amorosa com seu tempo, uma conquista amorosa com você mesmo.

12'12"

**Ronaldo:** Este caderno traz a alma da coleção, o registro do processo de feitura da coleção e pra mim é como um diário, até um caderno de receitas daquilo que vai se tornar a roupa, mas é antes de tudo uma organização dessa loucura que é a inspiração, que são os estímulos que você sofre e recebe de todos os lados. Eu não acredito em nada que seja autobiográfico ou uma coleção que se pretenda de autor se ela não contar uma história de um momento dessa pessoa, então ela é autobiográfica total.

EM TEMPOS DE GUERRA

**Jackson Araújo** - Quando ele se propõe a discutir, enfim, temas contemporâneos, não é somente ficar procurando seu Turista Acidental, ler os livros do Mario de Andrade, resgatar seu Brasil profundo, ele também vem, traz a tona uma discussão absolutamente contemporânea que é a do poliamor, como ele colocou em pauta no seu desfile de inverno 2016.

**Ronaldo:** No início dos anos 90 eu venci um concurso promovido por uma grande tecelagem e o prêmio era uma pós-graduação na Parsons em Nova York eu saí, foi a primeira vez que eu saí do país, depois de Nova York fui visitar um irmão em Londres, e eu passei em frente na St. Martins e eu vi uma série de cursos livres que existiam ali e eu não tinha tido em Nova York. Um deles era chapelaria, eu fui, me inscrevi, comecei a fazer o curso e em 2 meses depois eu estava na feira de Portobello vendendo chapéus. Fiquei quatro anos em Londres, de um total de 6 fora do Brasil, e volto para o Brasil em 96, no auge do Phytoervas Fashion. Participo do Phytoervas, que foi o que viria a dar origem ao São Paulo Fashion Week, depois a Semana de Moda e em 2001 passo a fazer parte do SPFW.

14'56 PATO FU

**Fernanda Takai** – eu acho que foi em 96 que eu comecei a ouvir a falar sobre o Ronaldo, ele estava vindo de Londres e o Pato Fu estava surgindo como uma das bandas importantes ali dos anos 90.

**Ronaldo:** O Pato Fu é da mesma geração que a minha, foi aquele grupo de profissionais que começaram em Belo Horizonte, fins dos anos 80 início dos anos 90, com a mesma referência cultural- Skank, o próprio Jota Quest, o Pato Fu, enfim, e o estilista aqui!

**TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – ÍNDIO BRUNO DA COSTA} 3**

**Fernanda Takai** – o Pato Fu era uma banda que era muito desprezada da moda, sabe, apesar de ter tido outras parcerias assim, mas não era uma coisa que tivesse uma linguagem tão forte quanto a música. Então, quando a gente começa a trabalhar com alguém como o Ronaldo, que pensa na moda de uma forma mais ampla, né, não é só a roupa de vestir, é a história que a roupa tem, a história que ela vai contar e como ela se soma à sua história.

15'56"

**Ronaldo:** tem pontos na cidade que falam direto pra minha memória, uma memória afetiva, evidentemente. A Praça da Estação, por exemplo. Meu pai conta que quando ele chegou com minha avó e os irmãos vindos de Tiradentes, de trem, ali era o ponto de chegada do Brasil inteiro, era a Praça da Estação. Agora tem um museu lindo, que é o Museu de Artes e Ofícios, tem um perfume da Belo horizonte que não existe mais, que tá passando por um processo de restauro, e ali naquele ponto ela ainda é provinciana, pelo clima da Praça da Estação. Como mineiro, o trem tem uma mágica, espero viver pra ver essa terna promessa de revitalização da linha férrea do Brasil, porque muito da memória e da cultura de Minas veio daí.

17'05"

**Ronaldo:** Um mercado, de todas as cidades, eu acho que reserva muito a alma de um estado, da alma de um país, e aqui no Mercado Central não é diferente, onde a Belo Horizonte provinciana se mantém viva. E mais do que isso, é o único lugar onde o sertão de Guimarães Rosa, onde o Triângulo Mineiro, onde a Canastra, onde a Zona da Mata se encontram, então pra mim sempre vai ser uma viagem esse clima, esse cheiro, esse gosto do Mercado Central de Belo Horizonte.

18'10"

**Ronaldo:** você tem que ter uma equipe bem afinada pra coisa acontecer. Os assistentes, o assistente do designer gráfico, a modelista, eu tenho duas modelistas, o corte e a pilotista, que são as meninas que vão fazer a primeira peça. Essa peça, uma vez aprovada, elas vão ser reproduzidas a partir daquela referência, do acabamento que foi colocado ali. É uma coisa, uma equipe em torno de 20 pessoas pra poder colocar uma coleção de pé.

Tem uma coisa que é muito legal neste trabalho, que são as costuras que não são as costuras da roupa, costuras com outras figuras, e foi assim que eu trouxe amigos para o meu universo e eu entrei no universo deles. A Miriam Pappalardo, que é uma super designer que eu já admirava, que eu peguei e levei ela lá pra Amazônia, pra gente fazer um trabalho com biojóias. Jailson Marcos, quando eu o conheci em Pernambuco eu falei não, imediatamente, eu tenho que ter uma coleção calçada pelo Jailson. O Renato Imbroisi, com as árvores lá em Muquém, em Minas, que virou cenário da coleção Carne Seca. Você traz ali um outro designer, que ele entra no seu universo, ele faz a leitura daquilo que você está propondo mas ele deixa a assinatura dele também.

19'33"

**Ronaldo:** Pra mim é extremamente excitante você conseguir transportar a pessoa pro universo que você está propondo em 8 minutos. Daí que você vai usar a luz, a trilha, a cenografia, às vezes, a própria coreografia desses modelos.

Carne Seca, por exemplo, quando acendeu a luz de passarela no ensaio eu disse, de jeito nenhum, essas árvores não podem ficar sob luz branca, eu preciso da noite do sertão. E eles falavam, vão ficar escuras as fotos, as pessoas não vão conseguir ver as roupas. Eu falei, quem disse que desfile é pra ver roupa? Roupa você vê no show room, roupa você vê na loja, roupa você vê no ateliê. Desfile é pra você sentir uma outra coisa, pelo menos no meu caso.

Então, prender a atenção de uma pessoa hoje num desfile é a coisa mais difícil que existe, porque você concorre o tempo inteiro com o celular. Porque ela vai estar vendo o tempo inteiro pela câmera do celular pra 'Instagramar' imediatamente e às vezes ela vai fazer tanto isso mas não vai ver o desfile. E, quando eu consigo fazer isso e prender a atenção no final e as pessoas aplaudem de pé, eu falo assim, ufa! Menos um! Mas este é o grande desafio.

A matéria fina para a alma de qualquer design ou qualquer designer é a memória. Você se liberta através da memória. Podem te colocar numa cela de segurança máxima, daquelas dos Estados Unidos, de concreto, sem janelas... Mergulha na memória que você vai reinventar o mundo que você quiser.

21'12"

**Ronaldo:** E tem um dos ícones dos meus trabalhos, que eu não pensei que isso jamais ia se tornar um clássico, que foi a Bolacha Maria. Eu tive uma bisavó, que ela morreu aos 115 anos, e todas as vezes que eu chegava lá ela dizia assim: 'eu tenho um presente muito especial pra você!' Daí ela enfiava a mão no bolso do pijama e me dava uma bolacha, a bolacha Maria, molinhaaaa assim, eu odiava aquela bolacha, porque eu pensava, vou ter que comer aquela bolacha velha.

**TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – ÍNDIO BRUNO DA COSTA} 4**

Então, quando eu lancei a marca infantil, eu recorri à minha avó Jesuína, minha bisavó da bolacha Maria, e de lá eu tiro o nome Maria e coloco os nomes brasileiros, o próprio nome da Jesuína.

22'00”

Eu me aproximei muito da indústria brasileira, porque tem rendido desafios e resultados maravilhosos. Eu lembro que no início os colegas designers falavam assim, ‘você não tem medo de popularizar a marca?’ . Eu falava assim, “Gente, eu não busco a popularização, eu busco a democratização.”

Isso aqui foi um estudo do caderno de desenhos da coleção do Risca de Giz, que quando eu fiz foi simplesmente para escolher a modelagem da coleção. Eu gosto de desenhar sobrepondo, assim, onde depois só eu consigo entender onde que está o detalhe da roupa.

A importância do caderno está justamente aí, porque no caderno, no exercício da mão livre, que todo mundo desenha assim, você deixa uma marca, uma assinatura pessoal sua, que vai fazer com que você tenha um repertório e, com um repertório amplo, você vai ter um repertório passível de ser aplicado em qualquer superfície. É muito legal hoje quando eu vejo um desenho que a princípio eu fiz prum tecido, ele foi pra roupa, ele foi migrando pra outras coisas.

Tem um outro prazer que eu tenho que é criar essa ponte entre o Brasil feito a mão e o Brasil da indústria. De pegar a cooperativa, um trabalho feito por um grupo de artesãs, e projetar isso para a indústria. E aí deveria ser um papel, um compromisso civil do design de moda.

23'35”

A Sereias da Penha, da Paraíba, que é uma história ótima. Tive uma grata surpresa que é conhecer o camurupim, um peixe de 2 metros de comprimento, de águas profundas, que ele desova nas águas doces da Paraíba e do Ceará, e aquela escama era descartada, uma escama linda, que parece uma pétala de rosa, de madrepérola. E daí começamos a desenvolver isso. Desenhei o logo, aí mostrei a marca, elas adoraram, daí virou Sereias da Penha. A repercussão que elas tiveram no São Paulo Fashion Week, de repente, da noite para ao dia elas estavam recebendo pedidos da Suíça, dos Estados Unidos, da Austrália.

**Adélia:** é muito importante no trabalho do Ronaldo essa visibilidade que ele traz para os artesãos brasileiros, pra muitos designers que se tornam parceiros de trabalho dele e pra grandes criadores. Ele realmente vai pinçando nomes daqui e dali e ele traz isso literalmente para a passarela.

**Ronaldo:** O rio São Francisco foi um rio que eu ganhei de presente do meu pai quando eu era criança. Ele dizia que o lugar mais lindo do Brasil era qualquer lugar contanto que fosse às margens do rio São Francisco. Toda vez que ele tinha um momento de respiro era pra lá que ele ia, e voltava com histórias maravilhosas, com artesanato de presente....

25'13”

**Ronaldo:** Na ocasião quando eu resolvi fazer a coleção, a discussão tava toda em torno da transposição do rio. Eu morria de medo de ir ao rio e não encontrar o rio das histórias do meu pai e que ele se dissipasse. Eu falei, não, eu preciso me posicionar, eu preciso ir ao encontro do São Francisco. E por 3 meses, eu fiquei indo e voltando ao rio, e foi aí que nasceu a coleção e mesmo assim eu continuei com assunto, ninguém aguentava mais, aí eu resolvi montar uma exposição.

Que ela tivesse ali a música do lugar, o cinema, culinária, a literatura, então essa coisa de pegar o regional e projetar em outro canto, isso eu consegui com o rio São Francisco.

26'18”

Eu penso a moda entendida como cultura, então quando você passa a entender o vestir, a escolha do vestir, o diálogo do vestir com outras frentes, nesse lugar ela vira cultura. E para mim é muito mais interessante do que colocar a moda como arte. Claro, tem trabalhos de determinados estilistas que em algum momento flertou tão próximo com a arte que pode ser reconhecido no futuro como um trabalho de arte. Mas qualquer um deles, o ato de vestir é um ato cultural.

